



## **As diatribes sobre as diabruras entre neopentecostais na história do tempo presente: demonização digitalizada nas redes sociais da internet**

*Diatribes on the Mischief among Neopentecostals in the History of the Present Time: Digitalized Demonization on Social Media*

**Fernando Arthur de Freitas Neves**

*Docente do Programa de Pós-Graduação em História (UFPA)*

**Leonardo Silveira Santos**

*Universidade Federal do Pará*

**Resumo:** As preleções do neopentecostalismo do mundo contemporâneo anunciam não apenas um tempo de milagre, antes, um tempo de sucesso e de plena satisfação transbordando pela teologia da prosperidade, o derramamento infinito da graça por meio da obra das igrejas empresas, ou o retorno do messias da cultura cristã, no sentido religioso *stricto sensu*, apresentado nas muitas manifestações do concorrente de Jesus e da salvação, ainda aqui na terra. Neste panorama, trata-se do soerguimento de um processo da criação imagética do avesso do bem-estar provocado pela interposição dos malefícios causados por uma plêiade de demônios, liderados pela intrusão dessa figura particular estruturada dentro dos templos das igrejas neopentecostais.

**Palavras-Chave:** Cristianismo, História, Neopentecostalismo, Demonização.

**Abstract:** The sermons of contemporary neopentecostalism proclaim not only a time of miracles but also a time of success and overflowing satisfaction through the theology of prosperity, the infinite outpouring of grace through the work of church enterprises, or the return of the messiah of Christian culture, in the strict religious sense, presented in the many manifestations of the competitor of Jesus and salvation, still here on earth. In this panorama, it is about the emergence of a process of creating the opposite image of well-being caused by the interposition of the evils wrought by a host of demons, led by the intrusion of this particular figure structured within the temples of neopentecostal churches.

**Keywords:** Christianity, History, Neopentecostalism, Demonization.

### **Introdução**

Na impossibilidade de aceitar as profundas mudanças ocorridas na sociedade contemporânea provocada pela revolução técnico-científica que reconfigurou as formas de reprodução de riqueza, ancorada no aviltamento volumoso da força de trabalho, fazendo com que a mais-valia absoluta da produção de conhecimento seja oligopolizada pelos grandes empreendimentos econômicos que dominam a rede de serviços tecnológicos dispostos ao consumo, o neopentecostal rebela-se; enquanto

---

Recebido em: 03 mar. 2024 - Aprovado em: 01 jun. 2024.

ratifica sobremaneira a extração da mais valia de todo sistema-mundo produtor de mercadorias para revitalizar o capitalismo, e o faz considerando o apelo sempre imprescindível da adesão ora forçada, ora voluntária ao projeto de realização ideal do homem, sancionado emocionalmente pelas prédicas do pastor.

O desfazimento do humano nessa sociedade cada vez mais cindida entre os muitos identitarismo da modernidade líquida fez com que fosse engendrado um novo modelo de negócios e de consumo de afetos, afinidades eletivas, ideologias, crenças, taras, volúpias e mitos densamente estimulados diante do desespero do avanço da cultura material sobre o espírito, no qual cada vez mais as componentes da força inventiva do humano produzindo um fantástico corpo de objetos, recursos, máquinas, consumos, explicações, desejos encontraram o amadurecimento do tempo de Deus, kairós, para externalizar essas paixões irrealizadas pela impossibilidade, paradoxalmente pelas suas respectivas negações para cada um desses e tantos outros tópicos; por exemplo quando o desejo não realizado converte-se em frustração, na insuficiência da explicação para gerar um efetivo entendimento sobre acontecimentos ocorridos tornam-se a oportunidade para expiar as opções dramáticas oferecidas pelo cotidiano como a falta de mais renda, ou ainda quando as expectativa de satisfação não se realizam pela incapacidade dos indivíduos e grupos alçarem novos padrões de realização material, visto sua própria condição o tenha tornado impraticável a possibilidade de realizá-lo; promovendo uma situação limítrofe na qual a cidadania não é de *per si* capaz de alterar o estado de coisas, levando-o a um divórcio perpétuo com esta situação tão detestada, abrindo vaga para exorcizar as amarras que o estão empurrando para este cadafalso. Esta é a oportunidade de acolher a boa nova neopentecostal devido a sentença prolatada nos púlpitos do comércio da fé, travestidas nas empresas igrejas, que agenciam a cura de todos os males, principalmente da ordem espiritual tão assediada pelas legiões do inferno, cujo vetor mais proeminente no tempo presente talvez seja o Demônio de Esquerda.

## **1 Marcas Históricas**

Na história do ocidente existem inúmeras passagens de epidemias de demônios como relata Maria Tausiet(2009) sobre a batalha do bem contra o mal numa obra de 1652, sob o título "Patrocínio de anjos e o combate de demônios", do monge beneditino Francisco Blasco Lanuza, no qual este narra a própria experiência, dissertando sobre diversos exemplos dos atos benfazejos dos anjos para salvar guardar os homens das maléficas intenções do demônio, sempre sorrateiro e astuto para enredar almas. Sendo necessário manter postura da guarda alta e, quando isso não fosse mais possível ou suficiente, enveredar para impugnar as ações desses mesmos demônios que obstam a plena realização da causa humana segundo as pretensões divinas. Não deixa de ser instigante, naquele tempo, ou no nosso, a facilidade com que o demônio conseguia sobrepor todas as barreiras que haviam sido elevadas contra si, e consegue, apesar dos avisos, desencaminhar a todos.

A situação vivenciada na localidade de Tramacastilla, na Espanha do setecentos, perturbou a comunidade de tal forma que não se restringiu somente aquelas mulheres tidas como "possuídas", mas estendeu-se para vivência cotidiana, afetando profundamente a vida social e econômica daquela ambiência, obviamente recaindo em mais dor sobre as ditas mulheres "enfermas o poseídas" por terem sido retiradas do convívio e de suas obrigações, resultando em maior esforço para sustentar

a produção da vida por aqueles não infligidos pela ação do demônio, fazendo avançar a pobreza já endêmica (Tausiet, 2009, p. 128).

Devido à distância do tempo e ao juízo, muitas vezes, mal informado sobre como as populações do final da Idade Média e do nascimento da Idade Moderna enfrentava suas agruras, reportando seu padecimento sob ações do demônio, nem sempre todos os males eram tributados a sua conta, pois as denúncias feitas contra o mau caráter de alguns dos membros da comunidade, por já serem uma espécie de agentes do mal por portarem-se como bruxos, apesar de gozarem de boa situação ou de ser um proprietário enriquecido, ou dispor de meios para aproximar-se das vítimas por tratar-se da profissão de médico, porém prenes de vícios, cujo intento era molestar a virtude das mulheres também foram alvo da repulsa da comunidade em questão.

De início, convém salientar a neutralidade do demônio descrito nesta obra, ele não é precedido por artigo masculino ou feminino na forma como entendemos em nossa contemporaneidade, portanto o gênero não é algo a ser destacado como elemento distinto, muito embora nas línguas latinas essa atribuição possa ser vinculada em termos práticos da descrição da figura do demônio, por analogia, da demônia. Ocorre que no setecentos esta aparição ou o desejo de manifestação pela via do gênero não era relevante, embora ele seja apresentado nos termos da maldade confrontando-se com o bem. Os tratados de demonologia tinham o cuidado para asseverar a primazia da bondade sobre seu concorrente, atribuindo aos anjos a edificação do bem, tanto quanto as representações feitas destes na corte celeste. Dessa forma, havia a ostentação de um modelo cristalizado na angeologia composta por “nueve órdenes o coros (serafines, querubines, tronos, dominios, virtudes, potestades, principados, arcángeles y ángeles<sup>32</sup>)” (2009, p. 134), enquanto que a galeria dos demônios seria uma emulação daquela imposta pela criação, não sendo mais do que pura imitação, portanto não havendo meios seguros para aprender como estava disposta ordem do maligno, posto ser isso um enigma do mal, havendo portanto só incertezas. Provavelmente, a mentalidade católica da renascença ainda temesse esmiuçar tais conteúdos, preferindo conter-se em supor que para fazer frente ao bem, a maldade erigiu campeões para porfiarem com os campeões da bondade, tendo por consequência um exército de demônios alistados em divisão, brigada, regimento, batalhões e companhia para se contraporem em diferentes funções.

Para romper com aquela crise espiritual de assédio sobre a população foram usados todos os expedientes possíveis, cintando inclusive com o auxílio do rei Felipe VI para atender aos pedidos de mais socorro para aquela comunidade. O envio dos mais célebres exorcistas de Espanha acorreram a ordem real e da Igreja para sustar os triunfos do Maligno que havia executado feitos inéditos, como a elevação de duzentas mulheres até a abóboda da Igreja, escandalizando a todos quando testemunharam o fato, segundo Ángel GARI, citado por Tausiet (p. 132). Não devemos estranhar o conteúdo e a forma da narração sobre os fatos ocorridos, pois a história convive há muito tempo com a descrição dos acontecimentos dispostos como um veículo do narrador interessado em comunicar sua mensagem. Oliveira da Silva percebe como a “realidade histórica e a mítica convivem no relato herodotiano, como se o homem de seu tempo atuasse permeado por um imaginário mítico que não está dissociado dos fatos. Logo, parece possível o imbricamento entre modos diversos de entendimento sobre fenômenos e processos a respeito da intervenção do demônio no cotidiano das instituições e das comunidades, dispensando a avaliação de ser esta uma informação

inventada ou falsa. Santos Teixeira inclina-se para validar a interpretação da psicanálise de Freud e Lacan quando se encontram na aproximação entre “O estranho demônio e o familiar: dimensionamento da angústia em Das Unheimliche” para capturar como o estado do sofrimento mental reconhece na categoria da perturbação a instrução do adversário da sanidade e do bem estar na figuração do demônio, como explicação última pelo desarranjo na ordem individual e, para efeitos de minha interpretação, estendo a esfera social aludida no caso do combate ao demônio seja nos setecentos, seja na sociedade de massas contemporânea.

Sem dúvida o pressuposto da concorrência nos céus no momento pós criação teve continuidade na Terra como indica vasta literatura religiosa de diferentes tradições, porém coube a um tipo particular de cristianismo a prevalência da habilitação deste fervor ao atrair o Maligno para ao campo de batalha, tal como são descritos nos ritos exercitados nos templos neopentecostais, cujo ápice gira em torno da manifestação do demônio para dissertar sobre suas diabruras quando toma os corpos dos inocentes. Essa obsessão em exorcizar demônios tem sido levada aos píncaros porque foi forjada numa audiência particular pra esse tipo de pregação, no entanto há um novo direcionamento reforçado pela crescente polarização política das guerras híbrida desencadeadas pelo neoliberalismo através de suas agências de ratificação do mainstream conservador.

## **2 Expressões Extáticas Contemporâneas do Cristianismo Contemporâneo**

O aparecimento de novos demônios no terceiro milênio contrasta a performance histórica descrita nos ambientes da modernidade. Para os demonólogos do século XVII utilizados por Tausiet, as ações do Maligno eram inúmeros e inundavam todos os recantos da terra, não havendo lugar onde este não pudesse adentrar e realizar suas diabruras. Infiltrando-se nos corpos, preferencialmente de mulheres, porém não exclusivamente, assediavam a todos enquanto promoviam as lutas entre o bem e o mal, estendendo seu campo de ação do corpo humano infectado até atingir o corpo social e político configurado no sucesso dos acontecimentos nas vilas, cidades, desertos e mares, porque os insatisfeitos com sua queda do paraíso persistiam em seguir obstruindo os desígnios de deus, tornando o combate mais acirrado entre aqueles emergidos dos infernos e as legiões do céu. Aqui podemos estabelecer uma comparação entre aquele período e o vivenciado no presente da década de 2020, quando se reconhece haver a mesma batalha entre anjos e demônios para sublevar a ordem espiritual estabelecida pelo Deus cristão da tradição ocidental. Com efeito, a revitalização do sagrado não veio desacompanhada dos concorrentes da mensagem de conversão e posterior salvação. Se os demônios do setecentos têm sua personalidade reconhecida como avessos de Deus no gênero Lúcifer, Satã, Diabo, Maligno, Belzebu ou Satanás, estes não encerram propriamente diferentes pessoas, talvez apenas personalidades atravessadas em uma única essência, a maldade.

No entanto, as nominatas assumidas pelo demônio passaram a conferir não apenas personalidades outras, alcançando no presente instante a condição de uma pessoa singular do panteão demoníaco ou compondo como alistado em suas hordas e legiões. Cada qual investido em uma substância própria que significa uma especialização no campo da maldade para melhor atingir seus objetivos no desvio das almas do caminho da bondade. Por vias muitas adversas, antigos deuses inimigos do Deus bíblico foram novamente entronizados no reino da maldade como testemunham

os discursos sobre Baal e Ishtar (feminina) antigos deuses da fertilidade entre os povos semitas, inclusive cultuado por judeus da Torá durante uma longa luta para impor o monoteísmo, retornam junto a novos deuses, convertidos definitivamente a demônios, ao cenário de concorrência religiosa do qual haviam sido subtraídos ainda no primeiro milênio da Era Cristã.

Em templos pentecostais atribui-se essa façanha aos poderes do Maligno que não se contém em gerar atritos com a causa da santidade e da bondade, obrou mais uma estripulia por meio da manifestação de outros seres maléficos como as “pombagiras” e “preto velhos” a saltarem de seus panteões tradicionais das religiões e religiosidades de matriz africana para revelarem seu real objetivo de desencaminhar os humanos, alcançando sucesso até entre os conversos à religiosidade pentecostal. Se já anos de 1990 pode-se atestar a presença do Tinhoso, travestido por meio dessas entidades, tão corriqueiras nos Terreiros e Centro Espíritas, exorcizadas nos cultos específicos, como ilustram gravações antigas do Telê evangelismo, junto a estas, uma nova leva de aparição do demônio ganhou notoriedade graças a epidemia vigente no século XXI - o empertigado Demônio de Esquerda; tal como teria ocorrido no século XVII, quando saído do inferno para assediá-los humanos, os anjos vieram em seu socorro consoante ao descrito no livro “Patrocinio de ángeles y combate de demonios” narrando a saga do próprio autor Francisco Blasco Lanuza ao enfrentá-los nas montanhas dos Pirineus.

Observa-se uma nova epidemia de demônios, liderados pelo “Demônio de Esquerda” que incorpora na pessoas e faz delas seu títere para arruinar a sociedade e o mundo cristão, tal como concebido nesses nichos fundamentalistas que empoderaram tanto ao demônio, a ponto de não haver mais distinção entre o seu efetivo poder, ou aquele poder concedido por Deus como está inscrito na discussão bíblica sobre diferentes modos de atentar o humano, cujo paradigma foi a tentação de Cristo para desvirtuá-lo do caminho preestabelecido pela criação. Porém, se é possível reconhecer na bíblia, seja na chamada vulgata de São Jerônimo, ou na tradução mais aceita pelos protestantes na aurora da modernidade, conhecida como a Bíblia do rei James, a presença do Maligno e suas diabruras para afastar o homem de Deus, relatando a intervenção demoníaca; nem por isso se consegue testemunhar a ação desta entidade como o ser a agir sobre determinado nome, por exemplo, atribuindo algum fato, efeito ou afeto à Baal; ou seja, se a importância do mal a enredar almas é perceptível, isso não autoriza nominar especificamente esta manifestação, pois como consta em qualquer tradução sobre o episódio de Jesus confrontando uma pessoa possuída e perguntando seu nome, a resposta foi – legiões, portanto, um mistério ao qual não foi dado o entendimento, nem mesmo ao filho unigênito ao tratar desses campeões do inferno.

A investigação feita pela teologia católica de outrora não se distanciou das investigações do presente quanto as incertezas sobre como opera o demônio para fazer suas diabruras. Por certo este era um e continua a ser um mistério para o qual a compreensão humana não consegue apreender com segurança sobre esse temário. Ismael del Olmo (2018) recorre uma vez mais à obra do monge beneditino para sinalizar como a descrença na capacidade do demônio havia ganho expressiva simpatia por parte da intelligentsia do século XVII, tributando tais acontecimentos mais a perturbação da mente, ao invés da perturbação do espírito como insistiu o monge

exorcista, argumentando serem as investidas do demônio a prova cabal de sua interseção na realidade física propriamente dita.

A extraordinária transformação sofrida pela Europa desde a Renascença havia permitido cada vez mais a constituição de um espírito de interrogação e de investigação nos estudiosos, contando inclusive com certa proteção de instituições para abrigá-los da perseguição motivada por suas ideias. Desta forma, se Espanha era um território de maior asserção das ideias religiosas do catolicismo, nas terras onde a Reforma triunfou houve um espaço de maior tolerância, senão com a descrença, ao menos com a possibilidade de interpretações naturalistas para revelar as fontes dos muitos enganos aos quais a tradição ocidental havia cristalizado. Olmo (2018) destaca a importância da preocupação com alma e seus destinos a mobilizar a intelligentsia no reordenamento das compreensões sobre o humano e o universo e, assinala como a decifração do estado de natureza e das explicações dali decorrentes haviam estruturado um modo de crença, particularmente a noção de “posesión espiritual surgió entre los paganos, pasó al pueblo judío y de allí infestó al cristianismo temprano. La razón del éxito de esta construcción en el medio hebreo” (2018, p. 505) devia-se a ausência de questionamentos sobre as causas daquelas manifestações. Ancorando nesse juízo na obra *O Leviatã* (1651) de Thomas Hobbes, Olmo sustenta que o método usado pelo monge beneditino foi de acusar os descrentes de serem parte do projeto demoníaco, por isso a importância de elevar os seus feitos e perigos, tal como dito sobre os judeus convertidos à crença nos/dos poderes do Maligno em interpor-se diante do projeto da criação divina. Isso fica tão mais evidente quando se considera que parte do judaísmo não assimila essa intervenção sobrenatural atribuída as possessões demoníacas, como foi o caso dos Saduceus do antigo testamento.

Parece razoável considerar que este foi um método já testado para combater a descrença diante dos males criados pelos próprios humanos, resultando em uma profunda intolerância com todo comportamento ou concepção de mundo tida como desviante daquilo que era ensinado nos templos católicos, embora alcançando até os territórios conquistados pela Reforma do século XVII. Com efeito, seguido o raciocínio de Hobbes, há uma linhagem de acontecimentos remontando desde os chamados pagãos, passando pelos judeus, assentando sobre os cristãos, até a presente expansão nas empresas Igrejas neopentecostais, quando uma avalanche de novos demônios fazem sua estreia no espetáculo ritualizado da convocação do demônio, manifestação da possessão, confissão dos males praticados, o combate cênico entre as forças do mal com as forças do bem representado pelo pastor, a expulsão do espírito maligno nos cultos de libertação (Almeida, 2017, 29); por fim, o exorcismo efetuado, finalizado no louvor pela derrota das forças do mal, sempre partilhando os méritos, que em tese deveriam ser só Deus, com o ativo protagonismo do pastor.

Da mesma maneira retratada na obra do religioso Francisco Blasco Lanuza, pastores pentecostais e neopentecostais empregam o receituário do exorcismo para convencer crentes e descrentes sobre a manipulação realizada das forças do mal no intuito de apoderar-se das almas, esta postura deve-se ao objetivo de legitimar, primeiramente, a luta eterna essas forças, seguido da imprescindibilidade do agenciamento religioso no zelo do causa dos escolhidos por Deus, para em seu nome empregar essa ferramenta de esconjuração do demônio. Isso fica mais evidente pela difusão do televangelismo, cuja característica é reprodução da experiência religiosa como um espetáculo de massas, podendo prescindir da igreja institucionalizada,

porém sem jamais dispensar o manto religioso do templo para conquistar a audiência, justificada por aquilo que chegou a ser naturalizado como mal-estar da mente, ao invés do espírito, como passaram a defender os homens de ciência do século XVII, relegando tais manifestações à ignorância dos povos ainda não estimulados pela razão, ou como sobrevivências de crenças antigas ou simplesmente, superstição.

Já o ensinamento hodierno feito no televangelismo é diametralmente oposto a esta interpretação por reabilitar a crença no maligno em toda sua extensão e profundidade. Sem tergiversar, o pastor faz sua diatribe sobre a existência inquestionável do demônio como um ente subtraído da santidade da criação por seu orgulho, estando disposto a interpor-se à teleologia do juízo final no qual este seria finalmente derrotado para todo sempre. Todavia, até este período incerto chegar, as diabruras estarão grassando por entre a humanidade, notadamente pelo uso de outros humanos, influenciados ou efetivamente incorporados pelos seus discípulos no inferno que invadem os corpos e turvam sua personalidade dos afetados para as bandeiras do mal, entre elas as proposições oriundas da esquerda do espectro político.

Se o humanismo foi fundamental para colocar o homem no centro do universo, responsabilizando-o por suas próprias opções, chegando a criminalizar essas práticas religiosas como charlatanice nos diferentes códigos penais dos países, superando o modelo consagrado nos tratados de demonologia que tiveram grande receptividade até o nascimento do oitocentos, quando finalmente foram ter abrigo nas bibliotecas e em pequenos nichos religiosos a lhe dar sustento; porém o neopentecostalismo incorporou os males de relações de exploração do capital sobre o trabalho, do homem sobre a mulher, do branco ocidental contra indígenas, negros e asiáticos, reputando o infortúnio em grande medida às diabruras praticadas contra o projeto de auto satisfação dos indivíduos aquartelados em suas capacidades particulares e coletivas; devendo romper com esta postura agnóstica ou de crença ocasional para um verdadeiro alistamento na fé em Deus para precaver-se do arдил do demônio, disfarçado das muitas máscaras, dentre elas a do Demônio de Esquerda.

### **3 Pentecostalismo e Política**

Os pastores do televangelismo, embora não só esses, têm sido prolíficos em assinalar os poderes desta figuração encarnada no Demônio de Esquerda, sendo este o responsável maior a semear a discórdia e a fomentar o conflito no tecido social, adentrando inclusive nos templos, de onde são descobertos e colocados à mercê da membresia assistente do culto ao revelar suas tentativas de tornar-se senhor daqueles possuídos. Nos ritos encenados existe a marcação regular da manifestação do demônio conforme guia o pastor para gerar o transe da pessoa incorporada pelo mau espírito. Por um desafio aberto, o pastor invoca o demônio a se tornar presente naquele espetáculo do qual ele não tem outra saída senão vir à tona devido ao poder maior de Deus a imprimir este mando.

Destarte, o protagonismo do pastor e a explicação por este emitida tem um valor peremptório ao deslindar as intenções do campeão da maldade, se anteriormente o rock roll, as minissaias, drogas e os comportamentos da juventude rebelde foram também acusados de serem fruto de suas intervenções; na atualidade as opções políticas discordantes da opinião do pastor passaram a ser apontadas como um ato de insubordinação à autoridade religiosa e da reta crença em Deus, devendo aos persistentes na fé seguirem as diretrizes ditas pela liderança pentecostal como quem

realiza uma epifania, ou um anúncio profético de uma diatribe daquele que se auto intitula como o representante de Deus na Terra.

Estes sermões são convertidos em declarações, por exemplo, como no caso do pastor Anderson Silva, sobre como pessoas que mudaram de gênero no esporte e querem ser aceitas nas competições, referindo-se aos casos de pessoas do gênero masculino que ao fazerem a mudança de sexo infringiram as condições de igualdade do mesmo gênero devido a carga genética continuar a sobressair mesmo após a alteração. Em seu socorro, apela para os relatos bíblicos da criação de dois gêneros, o feminino e o masculino, perfilados em características específicas para servir ao propósito inscrito na origem do universo, tornando essa opção pessoal em um desafio direto a obra do criador, além das consequências causadas pela transposição dessa barreira por esta nova situação ameaçar a paridade das capacidades estabelecidas naquele esporte regular, exemplificando como as características de força e habilidade natural de um gênero pode desequilibrar o desempenho do(a)s concorrentes. Inicialmente, a herança do seu argumento é tributada à explicação religiosa do neopentecostalismo do qual faz parte, entretanto adéqua este mesmo argumento, supostamente, à ciência ao enfatizar que a disposição dos gêneros naquele nicho é ali reconhecida, compreendendo diferenças anatômicas, fisiológicas e psíquicas, portanto validando o aforismo de sua concepção de mundo; em contraexemplo usa a inexistência de mulheres que fizeram a transição de gênero para participarem nos esportes na modalidade masculina, acrescentando que também não querem “servir ao exército, trabalhar no esgoto, bater uma laje...”, ou outras atividades normalmente atribuídas ao gênero masculino, afirmando que o uso da ciência feito para referendar a importância da adoção da vacina deveria ter o mesmo tratamento para o que denominou biologia em relação à disposição dos gêneros e da sexualidade.

“Deus não tem partido político, mas o Diabo é de esquerda”, sentencia o pastor para alinhar suas posições políticas aos partidos e movimentos de direita, não meramente conservadores, ultrapassa este marco para promover o programa neoliberal, não apenas em economia, que retira direitos dos trabalhadores como contrato regular e proteção de legislação trabalhista, férias, direito de greve, proteção à gestante, combate ao trabalho infantil, salário desemprego, somando seu assalto às liberdades individuais como sustentou numa curta mensagem que este pastor neopentecostal disseminou na entrevista ao @nobarcopodcast, ancorada na plataforma de comunicação digital youtube. O pastor que tem 216000 seguidores, só alcançou 4000 visualizações nesta postagem, sendo sinalizadas 460 curtidas e nenhum sinal de desaprovação no ícone de não curtir, apesar de ser contestado incisivamente nos comentários.

A irrupção das forças demoníacas constatadas pela massa de fiéis neopentecostais produziu um público cativo não apenas para se auto reproduzir, ela segue fiel na conquista de mais adeptos, além de fustigar todos aqueles não simpáticos a essa diatribe, aproveitando-se dessa situação para identificar nesses comportamentos mais um indício da atuação do Maligno, acusando aqueles reticentes com esta forma de experimentar a fé como fruto dos sucessos imediatos da horda saída do inferno para intentar desviar a humanidade de seu encontro com sua versão de Deus (Cruz, 2018, 9). Sublinham intransigentemente a importunação realizada por estas legiões especializadas dos demônios do fracasso, do desespero, da doença, da desordem familiar, da ruína, na produção do distanciamento em relação a essa

mensagem daqueles desencaminhados por motivos das possessões revisitadas nos templos pentecostais quando é revelada as intenções dos assediados pelas trevas (SIMBAÑA LINCANGO, 2012, 88).

As redes sociais são um vetor para difusão dessas mensagens religiosas fundamentalistas e são constantemente abastecidas pelos relatos da presença demoníaca causando estragos na vida dos fiéis convertidos. Nas empresas igrejas especializadas na execução do exorcismo percebe-se uma orientação para acolher as dores materiais e espirituais manifestas em diferentes tipos de culto, desde o ritual rotineiro, até aqueles particularmente instituídos para convidar o demônio a ascender em sua forma de encarnação do mal, só assim podendo serem resgatados pela intervenção divina, por meio da decisiva ação do pastor.

Rosivan Araujo (2003) em sua explicação sobre o surgimento da Igreja Assembleia de Deus no município de Curionópolis, na região de Carajás no Pará, aponta como ainda na sociedade do final do século XIX, profundas transformações na organização social foram ratificadas no sistema político-jurídico, fruto do processo de secularização acelerado pelo capitalismo no ocidente, notadamente pela separação entre Estado e Igreja, sedimentando o terreno para a estruturação da concorrência e a formação do mercado religioso. Quase cem anos depois, as modificações no campo religioso são muito expressivas como demonstra seu uso do modelo de M. das Dores Machado (1996, 5) em sua análise sobre a acentuação da curva de decréscimo do catolicismo para as Igrejas evangélicas, externando como as famílias foram e são nas diversas estratégias adotadas um elo importante para significar a presença da religiosidade na sociedade, reforçado nas diatribes pentecostais e neopentecostais. Desta forma, a família é o núcleo da organização da cultura conservadora do cristianismo, exibindo essa premissa às formas mais radicais do evangelismo, contudo, paradoxalmente, esta característica só ganhou projeção pela baixa capacidade de realização para os indivíduos na sociedade capitalista quando as promessas de satisfação material não se sustentam nos termos tão propalados por seus ideólogos.

Por outro lado, as promessas de pleno gozo da condição humana ofertadas pelos diferentes modelos de socialismo demonstraram quão difícil é a transformação de sociedades coloniais e dependentes para alcançarem autonomia e modernização suficiente para engendrar um humano de novo tipo. Diante das carências tão contundentes, não raro, as expectativas de superação dos dramas sociais e morais cederam à violação da própria individualidade, preferindo conservar o mecanismo de controle político sobre as populações, sem conseguir alterar profundamente as condições materiais de existência, criando uma lacuna entre o projeto e a prática. Em paralelo, o modelo do *selfmade man* do capitalismo não ofertou tantas possibilidades de satisfação material, a despeito da ideologia da liberdade ostentada com grande fervor por seus promotores. Ocorre que esta concorrência entre mensagens simbólicas não foi suficiente para marginalizar a esfera da espiritualidade, território cultivado com zelo pelas religiões, particularmente por aqueles tocados pela mensagem de eleição religiosa para alcançar esta plena realização como sinal de salvação, tal como indicado pela ética protestante como o combustível para o capitalismo.

#### **4 Um destino manifesto mundial**

A difusão da proposição de um destino manifesto inscrito no processo de colonização anglo-saxônica na América do Norte na marcha para o Oeste foi sem

dúvida uma ideologia de inspiração, extremamente poderosa, para afirmação de um modelo de humanidade neste novo território que almejava construir uma Jerusalém renovada, dirigida por um espírito de conversão a ser estendido a todos os recantos da Terra, sobre o signo de uma religião reformada em seus princípios, ancorada na razão junto a fé, emblematizada no governo e igreja autônoma; esta proposição foi atualizada e difundida por uma sintaxe muito particular em sua proposta de comunicação, ao mesmo tempo em que reafirma a existência do Deus único, responsável último pela transformação da vida, bastando para isso uma disposição em abraçar esse alvorecer do pentecostes, prolífico em realizar de conjunto a satisfação espiritual e material resultante das bênçãos enviadas aos escolhidos.

Essa mensagem religiosa é imperativa ao identificar a razão dos insucessos no triunfo do demônio sobre os ritos das religiosidades acomodadas e pacifistas como aquelas praticadas em outros cultos sem o primado do espírito pentecostal. Estende-se para todas faces e fases da vida, portanto não apenas na empresa/igreja, também no trabalho, na casa, no bairro, no transporte, no lazer, no afeto, na velhice, na infância, no gênero, neste último segmento então... há uma enormidade de perseguições do maligno para desviar os humanos daquilo ao qual foi prescrito desde o nascimento.

Segundo esse modelo do cristianismo fundamentalista as referências ao demônio não são meramente simbólicas ou abstrações para demonstrar a maldade incrustada no coração da humanidade. São, sim, situações recorrentes, exemplificadoras da presença objetiva dos malefícios, conduzidas pela intervenção direta da legião, como fazem questão de lembrar de um determinado excerto do Novo Testamento, saída do inferno com o fim específico de fazer a humanidade pecar; por isso a importância das diatribes exercitadas nos cultos durante o combate ao demônio como parte do modo de “ser religioso” dessas igrejas, alcançadas por esta versão do pentecostalismo. Hoje esta é a teologia mais pragmática está assentada na noção da guerra continuada transversalmente no mundo espiritual e no mundo material, talvez seja relevante considerar nesta acepção não haver, decididamente uma distinção entre espírito e matéria devido a pulverização dos combates espalharem-se por todo canto onde ache uma alma a ser disputada.

O pentecostalismo foi a fonte primeira dessa renovação, logo comunicado ao neopentecostalismo, muito mais arrojado em sua atividade proselitista para divulgar uma proposta de redenção imediata, cuja mensagem rusticamente fica centrada em um núcleo comum “Deus, Pátria e Família”, porém bem-disposto a sorver os muitos utensílios existentes no universo das mais diferentes religiosidades para plasmar sua vocação na economia do capitalismo. Desse modo, o capitalismo converte-se em religião ao ser elevado não somente como perspectiva de esperança de realização teleológica, este adianta-se para viabilizar no momento presente dos fiéis interessados em satisfazer seus desejos, por via da sujeição do mesmo ao ordenamento da reprodução das relações sociais típicas do sistema, direcionando ao mercado suas súplicas para atender suas necessidades de superação dos entraves ao gozo do consumo imediato. Destarte, a dor na alma, a aflição por renda e emprego, a cura das doenças ou um aumento no padrão de vida foi posto em par como as promessas feitas nas demais religiões, porém o campo pentecostal foi além ao solidificar a sua religiosidade como nota promissória a ser resgatada pelo empenho do fiel na causa do sistema e atribuindo o insucesso ao seu opositor pelas diabruras implantadas pelas

manifestações do demônio, sobretudo o Demônio de Esquerda, um novel na corte de Satã; devendo este ser extirpado nos rituais de exorcismo.

Francisco Blasco Lanuza foi um modelo dentre religiosos dos setecentos ao descrever os seus métodos para combater aquelas manifestações dos demônios que perseguiram as populações camponesas, este também concebia uma guerra entre as legiões do inferno versus as legiões dos anjos, demonstrando ser preciso aos guardiães da religião, no caso, o catolicismo, manterem em mente as muitas táticas utilizadas pelo adversário da cristandade para atingir seus objetivos, assumindo ora as muitas formas de heresias, como considerava as igrejas surgidas da reforma protestante, ora as bruxarias resilientes de práticas pagãs e/ou características de culto ao demônio especificamente – nos tão divulgados sabbath, ou popularmente as possessões feitas pelo demônio nos corpos das pessoas, sendo necessário o uso do exorcismo, na convicção de que só assim se podia expelir o mal que assombrava as almas, desafiando o seguro caminho da salvação traçado pela Igreja católica.

Quando Walter Benjamin arriscou a sentença para o capitalismo ser visto como uma religião, creditava ao primeiro a capacidade deste converter-se em religião pela extensa oferta de bens de consumo da sociedade de massas, em contraste com todos os sistemas que lhe precederam ao falhar no atendimento do horizonte de expectativas, produzindo mais miséria e destruição, ocultando a própria raiz da crise material gerada exatamente pela contradição insolúvel da produção social, versus a apropriação individual, cerne da investigação e juízo feito por Karl Marx em sua crítica da economia política, fetichizada pela realização do indivíduo acima da relações antagônicas de classes sociais.

## **5 Aspectos do Pentecostalismo**

No credo pentecostal, Igrejas e movimentos religiosos tocados por esta mensagem de ruptura com o desassossego de diferentes motivações, sublimaram o antagonismo no conteúdo e forma da luta de classes, operando uma efetiva transubstanciação deste axioma para a luta de Deus contra o Diabo, levado a cabo por missionários, apóstolos, pastores, bispos e em menor medida pelos próprios obreiros e a membresia dessas Igrejas por não terem manifesto todo o carisma preciso para agir nesse vultoso desafio. Graças à atuação de empresa a serviço de sua interpretação da religião e dos supostos interesses de Deus proclamados por suas diatribes, derrama-se nos cultos particulares nas Igrejas uma prática de conversação entre o pastor, a audiência, a pessoa supostamente possuída, e claro, o próprio demônio justificando o seu modo de agir. O objetivo final deste diálogo é tornar presente o poder de Deus ao reprovar ação demoníaca, enquanto resgata o corpo e alma daquele possuído, trazendo ao convívio e ao conforto do grêmio religioso pentecostal; para tanto deve o Diabo ser desmascarado em seus fins e meios como está consagrado nos ritos de possessão aportados na plataforma de fluxo na rede mundial de internet.

Seguindo um roteiro como em um catecismo das antigas, organizado nos moldes de perguntas e respostas, o pastor dirigente pela celebração capta seu alvo e a partir dali desenvolve-se o espetáculo como uma tourada. O pastor conclama à audiência para relatarem suas aflições, derrotas, agruras e um rosário de dor sem fim, ao qual logo emenda aos enunciados dos depoentes, a sua interpretação desses sofrimentos tendo por causa a perseguição do demônio sobre mulheres e homens impedindo-os de manterem-se retos como fiéis aos planos divinos.

As insatisfações no emprego ou no amor são as máximas exaltadas, porém elas podem variar para muitas outras máculas no corpo e na alma. De certo, para o líder religioso e sua comunidade, não resta dúvida da intervenção do maligno para excitar desejos e vontades outras que não seriam originalmente inspiradas por Deus. Disfarçando-se sob a pele de cordeiro, o lobo aciona seu projeto de desvirtuação do coração humano para melhor persuadir o incauto para seu intento. Essa terapia infundida nos cultos pentecostais tem por hábito provocar no depoente uma sensação de acolhida para este se expressar sobre como trilhou seus passos até aquele instante, fazendo-o reviver os momentos dramáticos de sua dor.

Existem muitos ruídos se de fato existe ou não a incorporação do demônio. Denúncias de charlatanismo sobre essas práticas tem aparecido na imprensa e em inúmeras Igrejas céticas com essas proezas, embora não haja um acompanhamento sistemático sobre a situação, a sociedade fica nutrindo-se do noticiário tradicional de jornal, rádio e TV, acrescidos dos posicionamentos reproduzidos em blog, podcast, Videofilmes, redes sociais, telegram, facebook e twitter; além da reprodução organizada dos espetáculos, ditos de cura, pelas Igrejas neopentecostais desta trama, cujo principal sujeito é o demônio, muito embora seja realçado a performance do pastor, sob a inspiração divina, no exercício de seu ministério de exorcizar o coisa ruim, que sempre retorna a incorporar entre o público assistente, às vezes sobre a mesma pessoa, confirmando certa predileção do demônio por esta ter tido previamente um acolhimento em seu seio como concluem os pastores dirigentes nestes cultos.

A IURD é sem dúvida o caso de maior sucesso, recente, ao criar uma religiosidade de responsabilização da prisão da pessoa e o destino anunciado graças ao demônio. Esta sentença não significa esvaziar o conteúdo cristão ali reivindicado por seus dirigentes e membros da convivência religiosa tão ansiosos de terem o adiantamento das promessas feitas a Deus, definida na expressão “propósito” de realizar a libertação e a cura das almas diante do sofrimento. Para cada um dos vícios, é atribuído um demônio. Desta forma, orgulho, vaidade, soberba... são ações dirigidas pelo espectro do mal, porém eles não são os únicos a comporem o exército, talvez possam ser reunidos sob o standards de uma “legião”, cabendo identificar quais outras modalidades podem ser agrupados os demônios; por exemplo, entidades espirituais originárias de outras fontes religiosas, como é o caso dos cultos afrodescendentes, nos quais os espíritos ancestrais tem a faculdade de incorporar, como fazem as pombas giras, os caboclos, seres encantados, conformam uma “legião”; também são fontes do mal na acepção neopentecostal, denotando assim a versatilidade do demônio para erguer exércitos para inundar a perturbação dos viventes. Em outro país, a diátribe sobre a demonização sofreu novas adaptações para poder comunicar seu sentido de experiência de exorcismo. Na Argentina, onde a influência de cultos afrodescendentes é menor se comparado ao Brasil, lugar por excelência do nascimento da IURD, os artifícios do demônio tiveram de ser resinificados em sua própria cultura dando vasão ao mal-estar de insatisfação do estado de ânimo da psique dos argentinos.

Sem necessariamente recorrer à demonização, valendo-se de seu juízo sobre as práticas dos cultos afrodescendentes, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) mobilizou a categoria de charlatanismo para fustigar uma concorrente no mercado de fé, dizendo que os terreiros abusavam da prática do charlatanismo para roubar a sua clientela e fez essa denúncia por meio do seu próprio jornal, Folha Universal, no qual estampou a condenação desse tipo de procedimento do qual acusou a mãe de santo.

Esta ao receber a notícia do enxovalhamento do seu trabalho religioso e de seu nome acabou por enfartar e morrer. Os familiares da mãe de santo, Iyá Gilda de Oxum, entenderam se tratar de uma ação de intolerância religiosa e acionaram a IURD na justiça pela agressão, pleiteando ressarcimento por danos morais, na forma de reparação financeira, inicialmente de mais de um R\$1.000.000,00, finalmente reconhecida no valor de R\$145.250,00 no Supremo Tribunal de Justiça. Este fato serviu de argumento para a criação do Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa no dia 21 de janeiro em homenagem a mãe de santo. Outro caso de grande repercussão se deu por uma cidadã, membro também da IURD que contestou o depoimento de um promotor justiça por este haver subscrito o argumento do ex-marido contra a ação movida de atentado violento ao pudor, alegando que a qualificação feita contra ela de “ser emocionalmente desequilibrada e religiosa fanática da igreja do bispo Edir Macedo”. O caso relatado tratava de uma suposta investida de um homem sobre uma das empregadas da família, sendo ela também membro da IURD, e como este não aceitava a conversão da esposa, agia com intolerância e discriminação aos seus membros, considerando a si próprio “superior” por não ter feito a adesão a esta Igreja. Os ministros do STJ do Brasil foram favoráveis à argumentação do promotor, ao equivaler a noção de fanatismo como comportamento exagerado e não necessariamente como uma discriminação da religião, quando o mesmo teria se pronunciado, objetivamente, contra a conduta de uma pessoa específica, e não de uma forma indeterminada de pessoas que poderia então ser caracterizada como segregação de uma determinada Igreja, caracterizando então a discriminação religiosa conforme os termos do artigo 140 do parágrafo 3º do Código Penal, relatado no pronunciamento do ministro Castro Meira. Essa matéria do Jornal do Comércio foi de grande repercussão por colocar na agenda pública do Brasil a relevância de como a ascensão do neopentecostalismo havia não apenas fraturado o campo religioso, mas por este ter colocado a si próprio como a referência para legitimação de vivência e de experiência religiosa para além da questão demoníaca.

No mesmo fluxo, as pregações feitas por pastores evangélicos, desde igrejas do protestantismo histórico até as novíssimas neopentecostais, a respeito das opções políticas, sumarizadas entre esquerda e direita, na prática reflete um processo de agudização das contradições a partir dos movimentos promovido pelos thinks tank de extrema direita ao se aproveitarem da fragilização ocorrida na agenda do estado de bem-estar, incluso o socialismo, devido à derrota política dos países do leste europeu, quando de fato foram superados e não conseguem sustentar aquele regime ao se demonstrar incapaz de conviver com diferentes propostas de modelagem da gestão política do Estado, reconhecendo a importância da democracia, bem como na burocratização que inundou todos os segmentos da sociedade, desde das atividades produtivas propriamente ditas, estendendo-se a outros processos de sociabilidade como religião, lazer, produção artística, formação educacional, científico e técnica, criando um regime opressivo, particularmente policial, cujas perspectivas de autonomia do indivíduo se viram extremamente sufocadas.

No instante do esgarçamento do tecido social em virtude do desastre no atendimento das demandas de satisfação material e espiritual, rapidamente a maioria das sociedades socialistas abandonaram qualquer perspectiva de nutrir a realização de projetos políticos coletivos fundados na esfera secular, expectando atingir o estado de bem-estar liberal apresentado como exemplo de sucesso do ocidente capitalista. Se as

teses de autonomia e satisfação haviam ruído, as esperanças no altíssimo foram catapultadas como única saída para remover os entraves a felicidade terrena, porém o responsável último a impedir o gozo da benção divina seguia interpondo-se no caminho da sociedade humana, restando aos crentes nesta profecia revelar os seus atos de tormenta e de destruição na vida de cada indivíduo, por consequência, na organização da sociedade. Eis que o demônio está nu, segundo essa acepção.

Em ação direta, as Igrejas pentecostais e neopentecostais disseminaram essa ideologia do demônio como parte constitutiva de sua teologia da prosperidade ao identificar a razão de todo mal nas opções dos indivíduos e sociedades distanciados dessa noção de Deus provedor. Para Guadalupe Marques (2015) no Tratado Político de Spinoza, o conatus coletivo encerra uma profusão de afetos que acabam dando forma ao fluxo da política, consagrado na sentença “os afetos são fundamentais para a instituição e condução do Estado”, logo não devem ser depreciados porque estão na gênese da condição humana. Apropriando-se da interpretação de Spinoza, atribui aos afetos um impulso para tomada de posição, notoriamente quando se percebe o acúmulo de incertezas para obtenção das satisfações. Por isto o medo é a força mais agregadora para identificar as motivações dos indivíduos quando optam por romper com a falta de esperança fazendo seguidas revalidações das superstições. Se um indivíduo, mesmo reduzido a uma coisa, tudo fará para manter sua condição de existir, logo, encontrar razões para o insucesso é um modo de operar sua existência negada. Dessa maneira, os acenos de prosperidade ou a sua privação, via a prática do exorcismo, é uma forma legítima de repelir o mal sempre em busca de uma oportunidade como alertava o frade Lanuza nos setecentos.

Por não poder dispensar nem o medo e nem a esperança na adesão aos cultos que reconhecem a ação do mal entranhado no corpo das pessoas e nas instituições, o pentecostalismo, e especificamente o neopentecostalismo tornou-se um exitoso fomentador da concorrência de Deus contra o demônio para todos terrenos, vindo na infelicidade, na doença, na pobreza, na tragédia, nos comportamentos morais e na falta generalizada a antítese de sua salvação prometida, devendo então combater a vigência deste regime pela expulsão da intervenção demoníaca, objetivamente pela prática do exorcismo para restaurar a confiança na vitória das do bem contra o mal.

Trata-se sim de uma condição nova não apenas pela expansão das experiências com as quais o homem moderno está a vivenciar a ausência de superação, senão quando busca novamente a convivência recorrente no cotidiano da epifania. Fazer uma abordagem sobre a presença dos neopentecostais no cotidiano do nosso tempo presente é um desafio para as interpretações dos estudiosos das religiões nos seus mais diferentes marcos disciplinares, sobretudo, quando consideramos a incorporação das categorias do ritual gospel importado dos modelos religiosos americanos.

Porém não foram somente as práticas da maioria moral protestante que foram amalgamadas na nova prática religiosa no Brasil e alhures. Tem sido dinamizado recriações de crer, interpretar e ratificar um modo de “ser religioso”, tanto das empresas-igrejas instituídas pelo neopentecostalismo, como na mobilização que estas mesmas Igrejas fizeram do extenso arsenal de experiências religiosas outras, que por sua vez são ressignificadas no próprio campo no qual se experimenta a religião, fazendo com que a vivência religiosa seja mais própria, particular e existencial, enquanto é recoberta por um manto vasto do ordenamento religioso sobre o signo de um mito renascido de um milenarismo difuso, todavia profundamente calcado na crença da

intervenção divina e no direcionamento deste processo, fomentado por esta dimensão que sequer profética como ilustra a chamada Teologia do Domínio.

Adone Agnolin (2013) nos diz sobre a importância de colocar os fatos religiosos e saber descrevê-los no interior das respectivas dinâmicas históricas. Retomando a proposição metodológica de Pettazzoni que contrapunha fatos a dados, nos inspiramos em sua importante lição para entendermos como a metodologia histórico comparativa das religiões pode servir de alavanca ao impulsionar as relações entre a mitologia tradicional e os cultos modernos. Com efeito, é necessário perceber a relevância das referências apresentadas pelas propostas de vivenciar a mística religiosa de pentecostais, entendidas dentro de um alargamento do território de intervenção divina no cotidiano mais imediato do crente, considerando estas práticas como forma legitimada de interpretação apresentada por estes mesmos crentes para justificar a sua adesão a essa proposta de experimentar a fé segundo relações de trocas econômicas, transmutadas sobre o formato dos desafios feitos a Deus em troca de recompensa.

Dessa modo, os adeptos desta maneira de experimentar a crença, tratam a conquista efetuada de cada nova família como a possibilidade de expandir sua influência no campo religioso. Maria das Dores Campos Machado percebeu como este pequeno núcleo tem se convertido na “instituição preferencial das religiões em sua articulação com a sociedade”. Semeando ali o território por excelência para reprodução de toda cultura religiosa do pentecostalismo, a despeito da secularização ocorrida no ocidente (MACHADO, 1996). Todavia, se esse foi o atributo que aprofundou a separação entre Estado e Igreja como sustenta Fernando Catroga (2006) em sua tese sobre a laicização da sociedade, assistimos uma reviravolta no alvorecer deste terceiro milênio cristão, dado o potente retorno à unificação da cultura material com a cultura religiosa, não apenas na sua forma simbólica, mas, sobretudo em sua materialização das relações econômicas objetivadas da sociedade civil e da sociedade política tal qual informado por um conjunto de leis e práticas que pretendem amalgamar religião e política.

A exposição pública dos ritos pentecostais de falar em línguas, curas, expulsões do demônio, epifania do espírito santo e louvor fora dos templos atende ao ideário de servir de exemplo para atração de novos fiéis, a despeito de certa repulsa apontadas por seguidores das formas mais racionalizadas da religião fundada por Lutero, particularmente daquelas teses desenvolvidas no corpo do calvinismo. Assim nasce uma estrutura inovadora denominada pentecostalismo, ancorado no Brasil no início do século XX, concorrendo com outras formas de vivenciar o cristianismo, inclusive deslocando o protestantismo histórico da posição de principal ameaça à hegemonia católica, graças a sua maleabilidade em lidar com a cultura do catolicismo popular e seu vasto arsenal de bênçãos, promessas, milagres, anjos, santos e seus opostos, demônios, espíritos, pomba giras, matintas e demais seres convertidos hostes do maligno.

Francisco Cetrullo Neto seguiu a trajetória de outros pesquisadores de identificar a condição opressiva vivida pelos negros do sul dos EUA como o território onde surgiu essa forma de adoração (1994, 32-34), embora outros estudiosos, membros das próprias fileiras do pentecostalismo preferem perceber estas manifestações de modo mais difuso e não necessariamente tendo por berço as igrejas formadas por negros, tentando justificar que esta graça foi ofertada a todo o campo do evangelismo. Rosivan Araujo em seu estudo sobre as origens da Assembleia de Deus

na cidade de Curionópolis, no sudeste do Pará, está mais propensa a seguir a proposição de Raimundo Ferreira de Oliveira (1988) ao enfatizar como o pentecostalismo foi fruto da ação do Espírito Santo por toda a terra, porém, é relevante afirmar não haver a entronização do demônio no núcleo de fundação do pentecostalismo, esta situação parece mais evidente no neopentecostalismo.

Amparados pelo neopentecostalismo, os dirigentes religiosos disseminaram nesses cultos a onipresença dos demônios e a necessária diatribe para expurgar sua influência na sociedade, mobilizando em seu favor a bandeira da liberdade religiosa para seu modo de fé e de interpretação sobre como manifesta-se o malefício, capturando aqueles desvalidos da graça para conformar seus exércitos sedentos de experimentarem repetidas ondas de milagres, sobretudo ao repelir a figura do demônio, principal responsável pela interdição da realização da promessa de satisfazer espiritual e materialmente os pleitos dos demandantes, alcançando a grande massa de trabalhadores pobres, mas não somente esses; empresários, profissionais liberais, empreendedores reais ou imaginários foram tocados por mensagens de sucesso nos cultos específicos dedicados à prosperidade, sem descuidar dos cultos da família nos quais é reforçado o modelo da parilha gênero masculino/feminino, sem concessão a outros desenhos de família como requerem os casais homoafetivos. Se o histórico de implantação do pentecostalismo no Brasil é representado como um prosseguimento dessa corrente religiosa tomada como uma profecia, será graças ao uso eficiente do televangelismo ao empreender essa atualização da intervenção demoníaca no cotidiano dos crentes, alcançando os não crentes.

## **Conclusão**

Se revisitarmos as teses de Cartaxo Rolin (1985, p. 42) ao dissertar sobre como crescimento pentecostal no Brasil podia ser medido pelo aumento dos templos pentecostais devido ao abraço deste modo de crença, não obstante a menção à figura do demônio seja discreta, com apenas duas menções no livro “O que é pentecostalismo” Rolin (1985, p. 14-85). Na mesma senda, em “Pentecostais no Brasil, uma interpretação sócio-religiosa”(1985, p.12), o autor revisita a sociologia da religião de Marx, Durkheim e Weber ao relacionar doutrinas, crenças e práticas religiosas como se estivessem no ocaso, percebendo o enfraquecimento dessas ligas, porém esta mentalidade do demônio despojado de sua força é invertida no tempo presente, sendo ele dotado de mais poder, paradoxalmente porque a modernidade o havia enfraquecido. Essa questão nos obriga a questionar como o demônio chega empoderado nas igrejas neopentecostais? Provisoriamente, tendo a explicar na falência da utopia e na intrusão contemporânea da escatologia, operando uma fusão entre as condições materiais de existência e a teleologia, evidenciando a emoção, enquanto se indispõe com a razão.

Desprestigiado, o demônio sofreu diante da secularização e da oferta de bens de consumo de massa, porém as dificuldades para satisfazer essas novas necessidades suscitou a justificativa para o retorno, imprescindível, do sagrado como ferramenta de otimização do acesso a esses bens como sinais de salvação imediata. Legitimado esse pulso, a entronização do demônio é parte ativa nesta equação de superação da precariedade pela prosperidade, superando a tendência anunciada do ocaso da religião.

Uma das motivações para esse crescimento reside na mobilização da cultura religiosa do catolicismo popular ao incorporar não apenas as exigências de um retorno do sagrado, operando milagres, mas conquanto atualizou a responsabilização do maligno pelos obstáculos do cotidiano. Esse exercício do pentecostalismo, atualizado sob a forma de evangelismo, comunicou suas sentenças em linguagem simples e ritos objetivos de conquista da graça, por meio de pontes com a espontaneidade da crença daqueles fatigados pela desordem e insatisfações em suas vidas, atribuindo os males à presença do demônio, ao invés de tributar essas derrotas ao sistema produtor de mercadorias do capitalismo, responsável maior pela degradação social. Por essas vultosas transformações, aqueles tocados por essa mensagem, acreditam terem recuperados sua condição de sujeito através da conversão ao evangelismo. Animados pelas diatribes dos pastores, os fiéis contemplan o milagre do exorcismo dos demônios, sobretudo este novel da corte infernal – o demônio de esquerda.

### **Referências**

- AGNOLIN, Adone. *História das religiões: perspectiva histórico-comparativa*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- AYERBE, Luis Fernando. El ideario neoconservador en la política exterior de Estados Unidos. Presencia y permanencia. *Pensamiento Propio*, n. 31, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. Boitempo Editorial, 2015.
- CATROGA, Fernando. *Entre deuses e césores*. Secularização, Laicidade e Religião Civil. Uma perspectiva histórica. Coimbra: Almedina, 2006.
- DEL OLMO, Ismael. El error de los ateístas. Posesión diabólica, discernimiento e incredulidad en el Patrocinio de ángeles y combate de demonios (1652) de Francisco Blasco Lanuza. *Hispania sacra*, v. 70, n. 142, p. 495-507, 2018.
- GALLO, Livia Amarante. *Estados Unidos, século XIX: o Destino Manifesto e a conquista do Oeste*, 2014.
- MACHADO, Maria D. C. A magia e a ética no pentecostalismo brasileiro. *Estudos de Religião*, v. 21, n. 33, p. 12-26, 2007.
- MARQUES, Guadalupe Macêdo. O conatus coletivo no Tratado Político de Spinoza. *Conatus: filosofia de Spinoza*, v. 9, n. 18, p. 19-29, 2015.
- OLIVEIRA, Raimundo. F. *História da igreja: dos primórdios à atualidade*. Campinas: Roth, 1988.
- RODRIGUES, Emanuelle Gonçalves Brandão. *Narrativas do progresso e do sacrifício: intersecções entre cristianismo e neoliberalismo na comunicação de lideranças religiosas brasileiras*. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.



SEMÁN, Pablo; MOREIRA, Patricia. La Iglesia Universal del Reino de Dios en Buenos Aires y la recreación del diablo a través del realineamiento de marcos interpretativos. *Sociedad y religión*, v. 17, p. 289-307, 1998.

SOUZA, Etiane Caloy B. A demonização do cotidiano pela Igreja Universal do Reino de Deus. *História Questões & Debates*. Curitiba: Ed. UFPR; 2001.

TAUSIET CARLÉS, María. *La batalla del bien y el mal*: «Patrocinio de ángeles y combate de demonios». 2009.

TEIXEIRA, Maura J. S. O estranho demônio e o familiar: dimensionamento da angústia em Das Unheimliche. 2021.